

Eduardo Ribeiro Rodrigues¹¹Instituto Federal de São Paulo – Campus Matão

A percepção do ensino de finanças pelos profissionais de mercado

Finance teaching: market professionals' perception

Resumo. As finanças incorporaram em seu escopo, as evoluções do mundo contemporâneo, exigindo maior especialização do administrador financeiro. Nesse sentido, o presente trabalho buscou identificar a percepção do profissional de mercado em relação ao ensino de finanças nos cursos de graduação. Por meio de um questionário, foram entrevistados 453 profissionais que atuam nas áreas de gestão, buscando identificar a opinião sobre a importância do conhecimento de finanças nas suas atividades profissionais e aspectos relacionados ao seu ensino na graduação. A maioria dos entrevistados que não atuam com finanças, afirmaram que os conhecimentos dessa área são importantes para seu desenvolvimento profissional. Quanto ao ensino, verificou-se que aspectos relacionados à prática (experiência do docente, falta de atividades práticas e pouco relacionamento entre a teoria e sua aplicabilidade) são os fatores que mais contribuem para a distância entre o que é ensinado em sala de aula e o praticado no mercado de trabalho. **Palavras-chave:** Ensino superior, Administração, Finanças, Educação Financeira, Currículos.

Abstract. Finance incorporated in its scope, the evolutions of the contemporary world, demanding greater specialization of the financial administrator. In this sense, the present work sought to identify the perception of the market professional in relation to the teaching of finance in undergraduate courses. Through a questionnaire, 453 professionals were interviewed who work in the management areas, seeking to identify the opinion about the importance of financial knowledge in their professional activities and aspects related to their teaching in the undergraduate program. Most of the interviewees who do not work with finances, affirmed that the knowledge of this area is important for their professional development. As for teaching, it was verified that aspects related to the practice (teacher experience, lack of practical activities and little relationship between theory and its applicability) are the factors that contribute most to the distance between what is taught in the classroom and the practice in the labor market. **Keywords:** Finance, Higher education, Management, Financial education, Curriculum.

Introdução

Ao longo dos anos, a área de finanças, vem passando por uma evolução técnica e conceitual, ajustando-se às oscilações da economia e à necessidade de modelos de gestão mais, devido ao desenvolvimento das organizações, da complexidade dos negócios e das operações de mercado, além de eventos como a globalização e os avanços na tecnologia da informação.

As finanças corporativas, segundo Assaf Neto (2010), incorporaram, em seu escopo, as grandes evoluções do mundo contemporâneo, elevando sua importância para as empresas e exigindo maior especialização e atualização do administrador financeiro.

Sua atividade principal, como gestor dos recursos financeiros da empresa, envolve dois tipos de decisões: a decisão de investimento, direcionadas à aplicação do capital em busca de retornos futuros e às decisões de financiamento, que dizem respeito à captação e composição das fontes de financiamento.

Na abordagem contemporânea das finanças corporativas, as decisões financeiras devem ser priorizadas com o objetivo de aumentar o valor da empresa e, conseqüentemente, maximizar a riqueza dos acionistas. Segundo Damodaran (2002), a evolução da teoria financeira das empresas pode ser rastreada até sua origem na seleção de uma única função objetiva e o

desenvolvimento de modelos financeiros aconteceu em torno dessa função: a maximização do valor da empresa. Nesse sentido, Ross, Wasterfield e Jordam (2008) definem finanças corporativas como o estudo do relacionamento entre as decisões de negócios e o valor da empresa.

Além da possibilidade de atuação como administrador financeiro, existem outras oportunidades para aqueles que desejam seguir carreira na área de finanças. Segundo Bodie e Merton (2002), muitos profissionais dessa área estão empregados no setor de serviços financeiros, como atividades bancárias, seguros ou na gestão de investimentos. Para ter sucesso nesse setor, Brigham e Ehrhardt (2007) afirmam que o profissional deve ter conhecimento dos fatores que influenciam as oscilações das taxas de juros, dos vários tipos de instrumentos financeiros e das normas que regulamentam as instituições financeiras.

A vantagem da área de finanças é a variedade de caminhos possíveis que um profissional pode traçar em sua carreira. Por exemplo, o mercado de capitais é uma das áreas que tem sido muito procurada por jovens profissionais no Brasil, atraídos pela perspectiva de boa remuneração variável (CHEROBINO, 2012). A área financeira também vem ganhando destaque nos últimos anos dentro das empresas, pois passou a ser percebida como parte estratégica da geração de receitas e da busca por resultados, englobando áreas como auditoria, controladoria, tesouraria, contabilidade e planejamento financeiro e estratégico (COSTA, 2014).

Além disso, o conhecimento financeiro pode ser útil aos profissionais que se especializaram em diferentes áreas de gestão, como marketing, recursos humanos, produção e operações, contabilidade entre outras. Basicamente, seu estudo é importante por dois motivos: primeiro, porque as pessoas precisam ter conhecimento básico de Finanças para administrar seus recursos pessoais, que podem envolver diversas situações, como escolher o melhor tipo de aplicação financeira ou a melhor forma de financiar um imóvel.

Segundo, porque muitas das decisões de negócios possuem implicações financeiras. De acordo com Gitman (2010), todos os gestores de uma empresa, independente dos cargos que ocupem, interagem com o pessoal da área financeira por diversos motivos, como a contratação de pessoas, a negociação na compra de materiais, disponibilidade de recursos para campanhas de marketing, avaliação de investimentos em máquinas e equipamentos etc. Os executivos não financeiros devem saber o suficiente dessa área para trabalhar com essas implicações, dentro da análise de sua especialidade. Por isso, todo estudante de administração, qualquer que seja sua especialidade, deve se preocupar com finanças (WESTON; BRIGHAM, 2004).

Diante desse cenário, o presente trabalho buscou identificar qual a percepção de profissionais de mercado, que atuam em áreas de gestão, em relação ao ensino das finanças corporativas, no curso de graduação que frequentaram.

Trajetória do ensino de finanças corporativas

As discussões acadêmicas voltadas ao ensino das finanças corporativas começaram no início do século XX e vem se desenvolvendo até os dias atuais.

De acordo com Solomon (1966), as finanças corporativas eram essencialmente um ramo especial da economia, com o objetivo de explicar e descrever o complexo desenvolvimento das instituições e práticas por meio das quais as empresas captam recursos no mercado de capitais.

Devido ao aumento da demanda por mais trabalhos práticos no campo da economia, no início do século XX, e com o rápido crescimento das escolas de administração de empresas, uma série de cursos adicionais no campo das finanças foram desenvolvidos (MOULTON, 1921).

Temas relacionados a essa área começaram a atrair a atenção do público, promovendo a oferta de novos cursos, geralmente de curta duração. Temas específicos e o tempo dedicado a eles, variavam amplamente em diferentes instituições, com pouca coerência na apresentação do material, sem desenvolvimento sequencial de cursos e com pequena relação entre o sistema financeiro e a organização econômica geral.

Os cursos de finanças eram divididos em duas classes. Segundo Moulton (1921), haviam aqueles desenvolvidos principalmente no campo da teoria, como normalmente seriam encontradas em um departamento de economia, e os de natureza mais prática, como seria de esperar em uma escola de administração de empresas.

Estudos mais aprofundados sobre a questão da educação escolar de negócios, com investigação mais estruturada sobre a área financeira, foram apresentados na reunião anual da American Finance Association (AFA), em dezembro de 1948 (SMITH; GOUDZWAARD, 1970).

Utilizando uma amostra de 58 escolas de negócios nos Estados Unidos, Calkins (1949), analisou os conteúdos de finanças dos cursos oferecidos por essas instituições e percorreu se os mesmos atendiam a demanda dos profissionais em finanças. Concluiu que os cursos não atendiam a demanda das empresas e que o valor da formação do aluno não era reconhecido pelo mercado. De modo geral, as escolas dividiam os conteúdos da área financeira em oito partes: Teoria Monetária, Administração Bancária, Ciclos de Negócios, Finanças Públicas, Crédito e Cobrança, Finanças Corporativas, Investimentos e Seguros.

Com base nessa estrutura de conteúdo, Calkins (1949), sugeriu que o ensino da área fosse classificado em seis divisões com duas grandes classificações:

- Finanças Corporativas: Finanças de Curto Prazo, Finanças de Longo Prazo e Investimentos;
- Finanças Pessoais: Crédito de Curto Prazo, Crédito de Longo Prazo e Investimentos.

No início da década de 1950, a AFA conduziu um debate com professores de finanças, com grande experiência no ensino de graduação, para discutir diversos temas, tais como os objetivos de um curso de finanças. O resultado do debate foi publicado em quatro partes, na edição de setembro de 1950 do *The Journal of Finance* (BOSLAND, 1950; CALKINS, 1950, HALLEY, 1950; HUNT, 1950).

Na primeira parte, Halley (1950) enfatizou que os objetivos específicos e os conteúdos dos cursos de finanças corporativas eram definidos de acordo com as circunstâncias de cada instituição de ensino. Aspectos como tamanho das classes, métodos utilizados, experiência do corpo docente dificultavam a padronização dos cursos. Sugeriu que alguns temas poderiam ser utilizados como objetivos gerais adaptáveis a todas as instituições, como terminologia financeira, estruturas de capital, instrumentos e instituições financeiras.

A integração dos ensinamentos da área financeira com outras áreas de negócios foi tema da segunda e terceira parte da publicação, enfatizando os aspectos sociais das decisões financeiras feitas pelas empresas e o papel dos professores de finanças na educação dos alunos para a vida empresarial. Nesse sentido, concluíram que o objetivo desse curso é fazer com que o

aluno conheça as operações de uma organização, e consiga explicar a lógica por trás das decisões financeiras, independente do seu porte (CALKINS, 1950).

Dependendo do público-alvo, os objetivos dos cursos de finanças devem ser diferentes, pois podem ser oferecidos para alunos de outras áreas de conhecimento, sob o ponto de vista de ensino geral, e para alunos que vão aprofundar seus estudos na área.

Como ensino geral, os cursos devem informar o aluno sobre as instituições e as práticas financeiras mais importantes utilizadas no mercado financeiro. Para os cursos destinados à formação de administradores financeiros, podem ser destacados três pontos principais: as instituições e práticas financeiras, ensino de contabilidade, estatística e análise financeira e o exame das características institucionais dos vários tipos de empresas (HUNT, 1950).

Bosland (1950) argumenta, na quarta parte, que o objetivo de um curso de finanças é promover equilíbrio entre o ensino generalista e abstrato dos cursos de economia, cujo foco eram as consequências que uma política geral poderia trazer para as empresas de maneira individual e o ensino exclusivo sobre aspectos específicos de problemas financeiros.

Resumindo o debate, dois objetivos foram fortemente realçados: a formação profissional, descrita como preparação para a vida empresarial e o ensino geral, como preparação para a vida social. Esses objetivos, segundo Upton (1950), são regidos por determinados fatores, como os objetivos pedagógicos da universidade, o tamanho das turmas, a experiência, a formação e a carga de horária do docente.

Até o final da Segunda Guerra Mundial, o ensino de finanças era essencialmente baseado na abordagem tradicionalista, com muita ênfase no financiamento de longo prazo e do ponto de vista de usuários externos como bancos e investidores.

Após esse período, houve séria insatisfação em relação à estrutura e à ênfase do conteúdo tradicional, atribuída ao declínio na importância do financiamento de longo prazo em relação ao financiamento de curto prazo e da gestão de capital de giro (SOLOMON, 1966).

Essa insatisfação levou ao desenvolvimento de um conjunto significativo de materiais que lidam com a análise e gestão de ativos e passivos circulantes, levando à divisão do curso básico em duas partes iguais: uma cobrindo os aspectos relacionados ao capital de giro e outro relativo ao conteúdo mais tradicional de financiamento externo de longo prazo.

A quantidade e a qualidade da informação disponível na época também contribuíram para as mudanças no ensino das finanças. A evolução no ensino tornou-se possível por causa das enormes melhorias nas fontes de informação, como a melhoria nos relatórios corporativos, mais informações sobre mercado de capitais, a comunicação de dados de agências governamentais e, finalmente, um desenvolvimento substancial de princípios contábeis que dão credibilidade e confiabilidade aos relatórios financeiros (WALKER, 1966).

Discussões sobre o currículo de finanças

O currículo de finanças deve ser dinâmico e continuamente atualizado às mudanças que acontecem no mercado. Nessa linha, diversos trabalhos também foram publicados discutindo a organização curricular dos cursos e disciplinas da área financeira.

Como parte do currículo das escolas de negócios, Brigham (1973) sugere que o núcleo financeiro deve permanecer orientado para o financiamento das empresas. Tradicionalmente, o

currículo deve apresentar três pontos: gestão empresarial ou de negócios financeiros, investimentos e instituições e mercados financeiros.

Muitas vezes, há grande diferença entre o que os executivos e docentes de finanças enxergam como currículo ideal. Com base em pesquisas com banqueiros, diretores financeiros de empresas e docentes de finanças, Demong, Pettit e Campsey (1979) sugeriram que um currículo de finanças deve acentuar a comunicação e as habilidades das pessoas, bem como habilidades analíticas. Os autores concluíram que os docentes acreditam que há necessidade crescente de habilidades quantitativas e em informática, enquanto os profissionais de mercado enfatizam pessoas e a habilidade de comunicação.

Vicente, Cândido e Matias (2002) fizeram uma proposta curricular para as disciplinas de finanças para os cursos de graduação em Administração. Segundo os autores, a estrutura do currículo dessa área deve levar em consideração a geração de valor, como elemento fundamental para o entendimento da maximização do valor da empresa.

Chang (2005) questiona quais as teorias e modelos devem ser ensinados aos alunos de finanças. Segundo o autor, os livros-texto apresentam diversos temas em comum e que o docente tem que determinar a extensão e profundidade da abordagem, o nível de dificuldade e a metodologia para ensinar cada tema.

Por meio de um banco de dados com informações sobre o currículo de finanças de graduação em universidades e faculdades dos Estados Unidos, Root et al (2007) avaliaram as características dos currículos atuais de finanças. Concluíram que em todas as escolas, os currículos refletiram de forma lenta as mudanças recentes no mercado financeiro.

Uma maneira de melhorar a experiência de aprendizagem dos estudantes de finanças, segundo Lai et al. (2009), é por meio de um curso bem estruturado que deve incluir currículos bem definidos, programa de estágio, estudo de caso, o uso de ferramentas on-line e software de análise financeira.

Diferenças entre a teoria e a prática em finanças corporativas

Outro tema também discutido por diversos autores é a distância entre o que é ensinado em sala de aula e a utilização desse conhecimento no dia-a-dia profissional. Ou seja, o dilema entre teoria e prática.

Gup (1994) investigou a opinião de docentes da área financeira e de diretores executivos (CEOs), sobre quais são os temas mais importantes abordados nas disciplinas introdutórias de finanças. A pesquisa mostrou que docentes e CEOs consideram o valor presente como tema mais importante. No entanto, docentes apontaram Orçamento de Capital como o segundo mais importante, enquanto os CEOs apontaram Contabilidade, tema considerado como o menos importante para os docentes. O autor especula que essa diferença reflete a exposição frequente dos executivos com as informações contábeis.

Algumas pesquisas apresentam que os profissionais da área financeira possuem pouco interesse nas pesquisas acadêmicas em finanças corporativas. Trahan e Gitman (1995) avaliaram a opinião de 84 diretores financeiros (CFOs) sobre as pesquisas acadêmicas na área. Segundo os autores, os CFOs apresentaram pouco interesse em pesquisas acadêmicas e até mesmo de contratar docentes de finanças como consultores internos. Apesar de possuírem interesse na

pesquisa de alguns temas, os profissionais sugeriram que as pesquisas precisam ser melhores explicadas e que existe uma necessidade de melhorar a comunicação entre os profissionais e acadêmicos de finanças, de modo a contribuir com o processo de aprendizado profissional.

Lundsten et al. (2013) solicitaram a opinião de 59 profissionais da área sobre a relevância de periódicos acadêmicos, para seus respectivos empregos. Concluíram que o processo de publicação reduz o interesse dos profissionais em pesquisas acadêmicas, devido ao lapso de tempo entre os resultados da investigação e a sua publicação.

Existe uma lacuna, de acordo com Graham (2011), entre as competências e os conceitos fundamentais que um profissional de finanças utiliza na prática e os conteúdos ensinados em sala de aula. O autor sugere o ensino dos temas de finanças corporativas, utilizando pesquisas com executivos e profissionais da área. A apresentação da realidade profissional, motiva e demonstra ao aluno a aplicabilidade do tema na prática e a importância para sua carreira futura.

Esses trabalhos ressaltam o papel dos docentes no desenvolvimento e na melhoria das estruturas conceituais que ajudam a prática financeira, adaptando-se as constantes mudanças no ambiente empresarial, reduzindo a distância percebida entre a teoria e a prática.

Metodologia

Quanto aos objetivos, a presente pesquisa é exploratória, pois pretende-se que tenha um caráter de descoberta, conforme os preceitos de Hair et al. (2006, p. 84), quando afirmam que “quando bem conduzida, a pesquisa exploratória abre uma janela para as percepções, comportamentos e necessidades”. Para Cooper e Schindler (2003), a exploração serve para vários objetivos, dentre eles, construir maior clareza nos conceitos, desenvolver maior conhecimento sobre o tema, bem como conhecer variáveis importantes relacionadas ao tema.

Quanto à abordagem do problema, recorreu-se à pesquisa qualitativa, complementada pela pesquisa quantitativa. Segundo Malhotra (2001), as pesquisas qualitativas e quantitativas não são excludentes, mas, sim, complementares.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa é caracterizada pela tipologia de levantamento. Segundo Gil (2002), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Procede-se à solicitação de informações a um grupo de pessoas sobre o problema estudado. No presente trabalho, foi levantada a opinião de profissionais de mercado em relação ensino da área de Finanças.

Formulário de coleta dos dados primários

O questionário usado nesta pesquisa foi desenvolvido em duas partes. A primeira refere-se à caracterização do entrevistado em relação à sua formação acadêmica e atividade profissional e a segunda parte busca a opinião em relação ao ensino de finanças estudado na graduação.

Para a elaboração da estrutura e das questões, foram consultados quatro especialistas na área de gestão financeira, sendo três docentes (um do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM e dois da FEA-RP/USP) e um consultor financeiro com mais de 30 anos de experiência profissional.

A versão final do questionário foi desenvolvida após a aplicação de pré-teste com 10 profissionais de mercado, sendo cinco profissionais que atuam em empresas e cinco que atuam como docentes e consultores. As deficiências em termos de compreensão do enunciado das questões e dificuldades no preenchimento das respostas foram identificadas e corrigidas.

Desenvolvimento das amostras

Para o desenvolvimento desta parte da pesquisa, foi adotada a técnica de amostragem não probabilística por conveniência, onde a obtenção de uma amostra de determinados elementos é baseada na conveniência do pesquisador. A vantagem dessa técnica é sua utilidade para determinado modelo de estudo que não procura uma representatividade de elementos de uma população, mas, sim, uma controlada escolha de indivíduos com certas características específicas (SAMPIERI; COLADO; LUCIO, 2006).

É utilizada, segundo Mattar (2007), para atestar ou obter ideias sobre determinado assunto de interesse. Como o foco desta pesquisa é o ensino de Finanças nos cursos de graduação em Administração, os elementos escolhidos para a definição da amostra foram profissionais da área de gestão. O objetivo dessa escolha foi o de levantar a opinião de profissionais que atuam na área de Finanças e de profissionais que atuam em outras áreas de gestão, mas graduados em Administração.

Para a busca dos profissionais com esses perfis, foram definidas duas fontes de dados: os associados ao Conselho Federal de Administração (CFA) e usuários da rede social LinkedIn.

No site do CFA foram levantados os e-mails de administradores cadastrados em um banco de dados disponíveis no site. O perfil selecionado foram os profissionais de administração e profissional tecnólogo e bacharel em administração. Os estudantes de administração não foram incluídos, pois buscou-se a opinião de profissionais já formados. Foram levantados 1.510 e-mails de profissionais das diversas áreas de atuação da administração e com diferentes cargos.

Em seguida, foi analisado o site da rede social LinkedIn. O site é uma rede de relacionamentos profissionais, composto por pessoas e organizações, conectadas em diversos tipos de grupos, que compartilham interesses comuns (profissionais ou sociais).

A busca por profissionais que se adequassem ao perfil da pesquisa foi realizada em grupos e comunidades de profissionais ligados às áreas de Administração, Finanças e Contabilidade, de diversas regiões do país. Em alguns, foi necessária a solicitação e aprovação do gerente do grupo para a participação como membro.

Definidos os grupos e comunidades, foi analisado o perfil dos membros participantes, e se os e-mails estavam disponíveis para o público em geral. Após este levantamento, foram selecionados 1.451 e-mails.

Dessa maneira, o questionário foi enviado para o e-mail de 2.961 profissionais por meio do programa Lime Survey. Do total enviado, houve retorno de aproximadamente 21%, ou seja, 637 responderam o questionário. Desse total, foram excluídas 99 respostas por terem sido preenchidas de forma parcial, totalizando uma amostra de 538 profissionais.

O levantamento dos e-mails foi realizado entre os dias 6/4/2015 e 8/6/2015. Durante o levantamento, os questionários foram sendo enviados para os entrevistados. Foram enviadas

três ondas de solicitação de respostas, com quinze dias de intervalo entre elas, terminando a coleta no dia 25/7/2015.

Em seguida, foi realizada a higienização dos dados. Primeiro foram identificadas as respostas de profissionais com perfis que não se adequam aos objetivos da pesquisa. Foram excluídas 85 respostas de profissionais que não atuam na área financeira e são não graduados em Administração.

Também foram analisados possíveis casos extremos, provenientes de entrevistados que possam ter respondido em apenas um ponto das escalas do questionário. Por meio de um gráfico box-plot, identificaram-se quatro casos diretamente acima dos limites de distribuição. Como o número encontrado foi baixo, decidiu-se não excluir esses casos do questionário.

Como no questionário consideravam-se obrigatórias as respostas, não ocorreu nenhum problema de casos ausentes. Ao final ficaram 453 respostas para análise do questionário.

Resultados

Primeiro será apresentado o perfil da amostra e, posteriormente, serão apresentados os resultados sobre a opinião dos profissionais acerca do ensino de Finanças.

Caracterização da Amostra

Conforme exposto anteriormente, foram selecionados 453 questionários válidos de profissionais das áreas de gestão. A amostra foi caracterizada de acordo com a formação acadêmica e atuação profissional do entrevistado.

Do total de respondentes, 358 são graduados em Administração, representando 79% do total. A Tabela 1 apresenta a frequência dos demais cursos.

Tabela 1 - Cursos de graduação dos profissionais.

Curso de graduação	Frequência	%
Administração de Empresas	358	79%
Ciências Contábeis	35	8%
Economia	28	6%
Engenharias	7	2%
Outra	25	6%
Total	453	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que tange à área de atuação, a maior parte da amostra é de profissionais que atuam na área de Finanças (48%), seguidos dos profissionais de Administração Geral (21%), como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 - Áreas de atuação dos profissionais entrevistados.

Setor de atividade	Frequência	%
Finanças	219	48%
Marketing e Vendas	27	6%
Recursos Humanos	23	5%
Produção e Operações	10	2%
Controladoria	22	5%
Contabilidade	7	2%
Logística	14	3%
Administração Geral	93	21%
Outros	38	8%
Total	453	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com relação à situação profissional, 73% dos profissionais trabalham como funcionários de empresas, 8% atuam como consultores e 4% como docentes. Também é possível observar na Tabela 3 que 15% dos profissionais conciliam as atividades de funcionários de empresa ou consultoria com a docência.

Tabela 3 - Situação profissional dos entrevistados.

Situação profissional	Frequência	%
Somente profissional de mercado (empresa pública ou privada)	329	73%
Somente docente de ensino superior	20	4%
Somente consultor de empresas	38	8%
Profissional de mercado e docente	44	10%
Consultor de empresas e docente	22	5%
Total	453	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que tange aos cargos dos funcionários que trabalham em empresas, inclusive os que conciliam a atividade com a docência, 26% são gerentes, 23% analistas, 18% supervisores ou coordenadores e 17% são diretores. Na Tabela 4 mostram-se os cargos.

Tabela 4 - Cargo dos profissionais que trabalham

	Frequência	%
Presidente	6	2%
Diretor	64	17%
Gerente	96	26%
Supervisor/Coordenador	68	18%
Analista	87	23%
Auxiliar/Assistente	52	14%
Total	373	100%

Fonte: Elaborado pelos atores.

Em relação ao setor de atividade das empresas que os profissionais atuam, 40% são do setor de serviços, 20% indústria e 13% comércio. Os demais setores são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Setor de atividade das empresas dos profissionais entrevistados.

Setor de atividade	Frequência	%
Industria	75	20%
Comercio	50	13%
Serviço	149	40%
Mercado Financeiro	51	14%
Agronegócio	15	4%
Educação	20	5%
Outro	13	3%
Total	373	100%

Fonte: Elaborado pelos atores.

Opinião sobre o ensino de Finanças

A Tabela 6 mostra a frequência dos conteúdos de Finanças que foram, ou não, ensinados nos cursos de graduação dos entrevistados.

Tabela 6 - Conteúdos de Finanças ensinados nos cursos de graduação.

Conteúdos	N	Foi ensinado	Não ensinado	foi	Não lembro	me
Matemática Financeira	453	437 96%	12	3%	4	1%
Análise das Demonstrações Financeiras	453	415 92%	27	6%	11	2%
Administração Estoques	453	391 86%	52	11%	10	2%
Administração de Caixa	453	346 76%	82	18%	25	6%
Orçamento Empresarial	453	344 76%	86	19%	23	5%
Análise de Investimentos	453	341 75%	97	21%	15	3%
Custo e Estrutura de Capital	453	333 74%	88	19%	32	7%
Mercado de Capitais	453	304 67%	127	28%	22	5%
Fontes de Financiamento de Longo Prazo	453	290 64%	123	27%	40	9%
Administração de Valores a Receber	453	281 62%	137	30%	35	8%
Avaliação de Empresas	453	275 61%	135	30%	43	9%
Gestão de Riscos	453	258 57%	166	37%	29	6%
Produtos Financeiros	453	227 50%	175	39%	51	11%
Administração de Crédito e Cobrança	453	183 40%	207	46%	63	14%
Política de Dividendos	453	177 39%	205	45%	71	16%
Finanças Pessoais	453	166 37%	245	54%	42	9%
Técnicas e Gestão de Tesouraria	453	152 34%	242	53%	59	13%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que os conteúdos mais ensinados, de acordo com os profissionais foram Matemática Financeira (96%), Análise das Demonstrações Financeiras (92%) e Administração de Estoques (86%). Já o conteúdo Finanças Pessoais foi o menos ensinado, seguidos de Técnica e Gestão de Tesouraria (53%) e Administração de Crédito e Cobrança (46%).

Esses conteúdos contribuem ou contribuem muito no desenvolvimento da atual atividade profissional de 60% dos entrevistados da área de Finanças e de 51% dos profissionais das outras áreas.

Quanto aos conteúdos que poderiam ter sido mais aprofundados ou ensinados, na opinião dos entrevistados, os mais citados pelos profissionais da área de Finanças foram Técnicas e Gestão de Tesouraria (51%), Gestão de Riscos (49%) e Produtos Financeiros (47%). Quanto à opinião dos profissionais das outras áreas de gestão os conteúdos mais citados foram Gestão de Riscos (52%), Análise de Investimentos (44%) e Orçamento Empresarial (41%).

Quanto ao ensino de Finanças Pessoais, 83% dos entrevistados consideraram importante ou muito importante acrescentar esse tema nos cursos de graduação.

Com relação ao aprendizado, 16% dos entrevistados tiveram dificuldades ou muita dificuldade em aprender os conteúdos de Finanças. Quanto às variáveis que podem dificultar o aprendizado, os entrevistados citaram alguns pontos, agrupados em sete categorias, apresentadas na Tabela 7. Dos 453 entrevistados, 44 não deram opinião.

Tabela 7 - Dificuldades em aprender Finanças.

Categorias	Frequência	%
A. Relação com a prática	117	29%
B. Matemática	93	23%
C. Docentes	65	16%
D. Conjunto de Disciplinas	45	11%
E. Metodologia	25	6%
F. Carga horária	24	6%
G. Outros.	40	10%
Total	409	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

Dentro das categorias, os pontos mais citados pelos entrevistados foram: a dificuldade de relacionar a teoria e sua aplicabilidade na prática, os cálculos exigidos nas disciplinas e a falta do conhecimento básico de matemática, a falta de didática dos docentes, a necessidade de ampliar e aprofundar em conteúdos de disciplinas afins, como contabilidade, economia e estatística, e a dificuldade com alguns conteúdos específicos, a qualidade do material e a falta de exemplos e exercícios mais relacionados à prática e à baixa carga horária das disciplinas de Finanças.

Com relação às diferenças entre a teoria e a prática, 64% citaram que existem diferenças ou muitas diferenças entre o que é ensinado em sala de aula e a prática executada no mercado. Com relação aos fatores que contribuem com essas diferenças, 90% citaram a utilização de exemplos práticos e atuais durante as aulas, 86% a clareza quanto à utilização dos conceitos na prática e a falta de experiência prática do professor sobre o conteúdo e 82% apontaram a didática do professor. Os demais fatores são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 - Fatores que contribuem para as diferenças entre a teoria e a prática.

	N	Frequência	%
Utilização de exemplos práticos e atuais durante as aulas	453	406	90%
Clareza quanto a utilização dos conceitos na prática	453	391	86%
Falta de experiência prática do professor sobre o conteúdo	453	389	86%
Didática do professor	453	372	82%
Entender a relação da disciplina de Finanças com as outras disciplinas de outras áreas	453	361	80%
Estímulo em relação ao interesse pela disciplina	453	344	76%
Entender a importância do conhecimento de finanças dentro do curso de graduação	453	344	76%
Pouco conhecimento teórico do professor sobre o conteúdo	453	316	70%
Bibliografia utilizada	453	278	61%

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que tange aos hábitos de leitura dos entrevistados, 20% responderam que não costumam ler artigos científicos, 38% leem ocasionalmente, 24% leem apenas quando precisam pesquisar um tema específico e 19% leem com frequência. Quanto à leitura de matérias de Finanças em jornais e revistas de negócios, 5% responderam que não costumam ler, 40% leem ocasionalmente, 8% leem apenas quando precisam pesquisar um tema específico e 47% leem com frequência, demonstrados nas Tabelas 9 e 10.

Tabela 9 - Frequência de leitura de artigos científicos.

	Frequência	%
Não costumo ler	89	20
Leio ocasionalmente	172	38
Leio apenas quando preciso pesquisar um tema específico	107	24
Leio com frequência	85	19
Total	453	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 10 - Frequência de leitura de jornais e revistas de negócios.

	Frequência	%
Não costumo ler	24	5
Leio ocasionalmente	179	40
Leio apenas quando preciso pesquisar um tema específico	38	8
Leio com frequência	212	47
Total	453	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com respeito à opinião no que pode ser melhorado no ensino de finanças nos cursos de graduação, 24 dos 453 entrevistados afirmaram não ter opinião sobre o assunto. As opiniões dos demais foram classificadas em cinco categorias, cujas frequências são apresentadas na Tabela 11:

Tabela 11 - Categorias das respostas sobre melhorias no ensino de Finanças.

Categorias	Frequência	%
A. Docentes	86	20%
1. Experiência prática	47	11%
2. Didática	39	9%
B. Metodologia	217	51%
1. Casos práticos	183	43%
2. Sugestão de atividades	34	8%
C. Conteúdos	77	18%
1. Aplicabilidade prática	38	9%
2. Sugestão de conteúdos	39	9%
D. Carga horária	24	6%
E. Outros.	25	6%
Total	429	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A maior parte dos entrevistados que deram opinião, citaram a metodologia de ensino como ponto a ser melhorado nos cursos de graduação. Do total, 43% apontaram a necessidade

da utilização de metodologias que apresentem casos práticos no ensino dos conteúdos de Finanças. As sugestões dadas foram a utilização de estudos de casos de situações reais do ambiente empresarial, apresentação da teoria com a utilização de exemplos práticos e utilização de material mais atualizado. Ainda sobre metodologia, 34 entrevistados deram a sugestão da utilização de determinadas atividades como seminários e palestras com executivos, utilização da internet e da tecnologia no ensino, utilização de simuladores e visita dos alunos a empresas.

O segundo ponto mais citado foi em relação aos docentes, sendo experiência prática citada por 47 entrevistados. Foi comentada a importância da experiência prática e da atualização do docente em relação ao conteúdo ministrado e que docentes “muito teóricos” dificultam o aprendizado do tema que está sendo ensinado. Outros 39 comentam que a didática do docente influencia o aprendizado do aluno e consideram importante a clareza e confiança nas explicações e a capacidade de mostrar a aplicabilidade prática em relação ao que está sendo ensinado.

Opiniões sobre os conteúdos também foram observados por 18% dos entrevistados. Foi sugerida a inclusão de determinados conteúdos de contabilidade e de finanças por 39 entrevistados, tendo Finanças Pessoais como o conteúdo mais citado. Ainda sobre esse ponto, 38 entrevistados comentaram sobre a aplicabilidade prática dos conteúdos em determinados segmentos, como a utilização em empresas de pequeno e médio porte e em empresas de comércio e de serviços, pois a maioria dos exemplos é de grandes empresas industriais e muitas vezes retirados dos livros-texto.

E, ainda, 6% dos entrevistados deram a sugestão para que se aumente a carga horária e o número de disciplinas que abordam os conteúdos de Finanças. A categoria “outros” refere-se às respostas que não se encaixam em nenhuma das categorias analisadas anteriormente.

Esses resultados demonstram que o principal ponto de melhoria está mais relacionado às pessoas (relação professor e alunos) e as metodologias utilizadas em sala de aula do que propriamente em relação aos conteúdos que são ministrados nos cursos de graduação.

Considerações finais

O presente trabalho buscou identificar a percepção de profissionais de mercado, que atuam em áreas de gestão, em relação ao ensino de finanças, aplicados em seus respectivos cursos de graduação.

Os resultados mostram que os conhecimentos de temas relacionados à área financeira contribuem não somente nas atividades dos profissionais de finanças, mas também nas atividades de profissionais que atuam em outras áreas. Isso mostra a importância da interdisciplinaridade entre as disciplinas de finanças com outras áreas de gestão, como marketing, recursos humanos, contabilidade e produção.

Em relação aos conteúdos, a maioria dos profissionais afirmaram que não foi ensinado nos seus cursos, temas como Finanças Pessoais e Técnicas e Gestão de Tesouraria. Quanto ao primeiro, a maior parte dos entrevistados consideram importante sua abordagem na graduação e o segundo, foi citado como o conteúdo que poderia ter maior aprofundamento na opinião dos profissionais de finanças.

Quanto à melhoria do ensino, a prática foi a variável mais citada pelos profissionais. Aspectos relacionados a falta de experiência prática do docente, a pouca utilização de casos

práticos em sala de aula e a falta de clareza de como os conteúdos podem ser aplicados no dia-a-dia profissional, distanciam o conhecimento aplicado em sala de aula com as práticas de mercado.

Os dados levantados quanto a conteúdos ministrados, temas relevantes na atividade profissional e ao processo de aprendizagem, podem contribuir com professores e coordenadores de curso na elaboração e atualização dos planos de ensino das disciplinas de finanças.

Devido ao dinamismo do mercado, somente o conhecimento teórico não é suficiente para a formação do profissional de mercado. Docentes da área financeira precisam se reciclar e desenvolver novas metodologias de ensino, de modo a conciliar a teoria e prática, de modo a gerar maior valor em sala de aula.

Referências bibliográficas

ASSAF NETO, A. *Finanças corporativas e valor*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

BODIE, Z.; MERTON, R. C. *Finanças*. Porto Alegre: Bookman, 2002

BOSLAND, C. C. Materials and methods of teaching business finance (IV). *The Journal of Finance*, Malden, v. 5, n. 3, p. 285-288, Sep. 1950.

BRIGHAM, E. F. Future direction of the basic finance course. *Journal of Financial Education*, Philadelphia, v. 1, n. 2, p. 13-19, 1973.

BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. *Administração financeira: teoria e prática*. 10 ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

CALKINS, F. J. University courses in finance. *The Journal of Finance*, Malden, v. 4, n. 3, p. 244-265, Sep. 1949.

CALKINS, F. J. Materials and methods of teaching business finance (II). *The Journal of Finance*, Malden, v. 5, n. 3, p. 275-279, Sep. 1950.

CHANG, S. J. A theoretical discussion on financial theory: what should we teach and how? *Journal of Economics and Finance Education*, Morgantown, v. 4, n. 2, p. 39-48, Winter 2005.

CHEROBINO, V. *Crescem as oportunidades na área de finanças*. 18 jun. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/crescem-as-oportunidades-na-area-de-financas?page=1>>. Acesso em: 2 maio 2014.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. *Métodos de pesquisa em administração*. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

COSTA, S. *A hora dos profissionais de finanças é agora*. 16 maio 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/edicoes/192/noticias/hora-dos-profissionais-de-financas>>. Acesso em: 29 set. 2015.

DAMODARAN, A. *Finanças corporativas aplicadas: manual do usuário*. Porto Alegre: Bookman, 2002.

DEMONG, R. F.; PETTIT, L. C.; CAMPSEY, B. J. Finance curriculum for the future: perceptions of practitioners versus academicians. *Journal of Financial Education*, Philadelphia, v. 8, n. 1, p. 45-48, Fall 1979.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- GITMAN, L. J. *Princípios de administração financeira*. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- GRAHAM, J. R. Using CFO surveys as a motivational tool to teach corporate finance. *The Financial Review, Malden*, v. 46, n. 2, p. 193-205, May 2011.
- GUP, B. E. The five most important finance concepts: a summary. *Financial Practice and Education, Tampa*, v. 4, n. 2, p. 106-109, Fall/Winter 1994.
- HAIR J. J. F. et al. *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HALLEY, D. M. Materials and methods of teaching business finance (I). *The Journal of Finance, Malden*, v. 5, n. 3, p. 270-274, Sep. 1950.
- HUNT, P. Materials and methods of teaching business finance (III). *The Journal of Finance, Malden*, v. 5, n. 3, p. 280-284, Sep. 1950.
- LAI, M. M. et al. Effectiveness, teaching, and assessments: survey evidence from finance courses. *Journal of Education for Business, Philadelphia*, v. 85, n. 1, p. 21-29, 2009.
- LUNDSTEN, L. et al. Why don't we just ask them – do finance practitioners read academic research? *Humanomics, v. 29, n. 3, p. 232-235, 2013.*
- MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing: edição compacta*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MOULTON, H. G. Possibilities of a general-survey course in finance. *Journal of Political Economy, Chicago*, v. 29, n. 5, p. 368-394. May 1921.
- ROOT, T., et all. The Undergraduate Finance Curriculum in the New Millennium: A Comprehensive Survey. *Journal of Financial Education, v. 33, p. 1-27, Spring 2007*
- ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JORDAN, B. D. *Princípios de administração financeira: essentials of corporate finance*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. *Metodologia de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- SMITH, K. V.; GOUDZWAARD, M. B. Survey of investment management: teaching versus practice? *The Journal of Finance, Malden*, v. 25, n. 2, p. 329-347, May 1970
- SOLOMON, E. What should we teach in a course in business finance? *The Journal of Finance, Malden*, v. 21, n. 2, p. 411-415, May 1966.
- TRAHAN, A. E.; GITMAN, L. J. Bridging the theory-practice gap in corporate finance: a survey of chief financial officers. *The Quarterly Review of Economics and Finance, Champaign*, v. 35, n. 1, p. 73-87, Spring 1995.
- UPTON, M. Materials and methods of teaching business finance: a synthesis. *The Journal of Finance, Malden*, v. 5, n. 3, p. 289-292, Sep. 1950.
- VICENTE, E. F. R.; CÂNDIDO, A.; MATIAS, A. B. Um novo currículo de finanças para os cursos de administração de empresas. *Revista Nacional Angra, Rio de Janeiro*, v. 4, n. 3, p. 3-20, 2002.

WALKER, C. F. Developments in the curriculum and teaching of finance: discussion. *The Journal of Finance*, Malden, v. 21, n. 2, p. 423-434, May 1966.

WESTON, J. F.; BRIGHAM, E. F. *Fundamentos da administração financeira*. 12. ed. São Paulo: Makron Books, 2004.

Autor:

¹ RODRIGUES, Eduardo Ribeiro. Doutor em Administração das Organizações pela FEA-RP/USP e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); docente do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), nas áreas de Economia e Gestão; e-mail: edu.ribeiro@ifsp.edu.br

Este artigo:

Recebido em: 04/2020

Aceito em: 07/2020

Como citar este artigo:

RODRIGUES, Eduardo Ribeiro. A percepção do ensino de finanças pelos profissionais de mercado. *Scientia Vitae*, v.10, n.29, p. 80-97, jul/set. 2020.